

Professores formadores dos cursos de Licenciatura em Letras (EaD):  
a constituição da identidade

-----  
*Teacher educators of the courses of Languages in Distance Education Modality: the  
constitution of identity*

-----  
*Cursos de entrenadores maestros título en artes (educación a distancia): la constitución  
de la identidad*

Váldina Gonçalves da Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** Os cursos de formação de professores na modalidade a distância estão entre os mais ofertados, principalmente na região sudeste. Assim, o artigo situa-se na problemática da educação a distância (EaD) e da formação de professores e traz resultados de uma pesquisa realizada no curso de Licenciatura em Letras – EaD, de uma Instituição de Ensino Superior do Triângulo Mineiro/MG. O objetivo da pesquisa foi investigar como os professores formadores do curso de Licenciatura em Letras foram se constituindo como professores na EaD. O aporte teórico refere-se aos estudos sobre identidade tendo como referência Claude Dubar e Peter Ludwig Berger & Thomas Luckmann. A abordagem é qualitativa e foram realizadas três entrevistas semi-estruturadas. Os resultados mostram que as professoras foram se constituindo formadoras a partir do contexto que viviam, pois houve uma transferência delas do curso presencial para o curso a distância sem formação para atuar na EaD, além de exercerem diversas funções no mesmo curso. Conclui-se que as professoras foram se constituindo formadores em meio a intensificação de seu trabalho e sem preparo, e, pela conformação de que atuar na EaD é assim mesmo, como se naturalizassem a situação.

**Palavras-chave:** Professor formador, identidade, educação a distância.

---

**Abstract:** *The teacher training courses in the distance education modality are among the most offered, mainly in the southeast region. Thus, the article lies in the problem of distance education and of teacher development and brings results of a study conducted in Teacher Undergraduate Formation course in Languages - Distance Education, from an undergraduation institution of Triângulo Mineiro / MG. The aim of the research has been to investigate how teacher educators from the undergraduation course in Languages were being constituted as teachers in distance education. The theoretical basis refers to the study of identity with reference to Claude Dubar and Peter Ludwig Berger and Thomas Luckmann. The approach is qualitative and there have been three semi-structured interviews. The results show that the teachers have been constituted educators from the context which they lived, as there was a transfer of them from the face-to-face course to the distance modality with no training to work in distance education, as well as having several functions in the same course. It is concluded that the teachers have been constituted trainers through the intensification of their work and without preparation, and, by the conformation that working in distance education is like that, as if they acclimatize to the situation.*

**Keywords:** Teacher trainer, identity, distance education.

---

**Resumen:** *Los cursos de formación del profesorado en la distancia están entre los más ofrecido, principalmente en el sureste. Por lo tanto, el artículo está en el tema de la educación a distancia (DE) y la formación del profesorado y trae los resultados de una encuesta realizada en el curso de la Licenciatura en Artes - Educación a Distancia, una institución de educación superior del Triángulo Mineiro / MG. El objetivo de la investigación era investigar cómo los formadores de docentes Letras Grado supuesto se está constituyendo como maestros en la educación a distancia. El marco teórico se refiere al estudio de la identidad con referencia a Claude Dubar y Peter Ludwig Berger y Thomas*

---

1 Doutora em Educação Matemática, Professora do curso de Licenciatura em Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

*Luckmann. El enfoque es cualitativo y había tres entrevistas semiestructuradas. Los resultados muestran que los maestros fueron constituyendo la formación del contexto en que vivían, porque hubo una transferencia de ellos desde el curso presencial, para el curso a distancia sin una formación para trabajar en la educación a distancia, así como el ejercicio de diversas funciones en el mismo curso. Llegamos a la conclusión de que los maestros fueron constituyendo entrenadores en medio de la intensificación de su trabajo y sin preparación, y la conformación de actuar en la educación a distancia es así, como si naturalizassem la situación.*

**Palabras clave:** formador de profesores, identidad, educación a distancia.

## Introdução

A Educação a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino com perspectivas de crescimento e evolução no Brasil e destaca-se por possibilitar diferentes formas de ensinar e aprender; permitir a democratização do ensino; constituir-se como um instrumento de emancipação dos sujeitos na sociedade; e, propiciar a produção de conhecimento colaborativo, coletivo e individual, por meio de ambientes virtuais e interativos.

Há muitas resistências e preconceitos em relação à EaD, entretanto, destacam-se alguns progressos, como por exemplo: modificação das formas de ensino e aprendizagem, inclusive na presencial e inserção das universidades públicas na EaD, pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). (MORAN, 2011).

De acordo com a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) muitos são os cursos ofertados na modalidade a distância tanto de graduação quanto de pós-graduação. Em relação aos cursos de licenciatura o Censo da EaD realizado pela ABED nos mostra que são, em situação regular, 218 cursos, sendo 168 totalmente a distância e 55 semipresenciais. Em relação à região sudeste na qual a pesquisa foi realizada, há 79 cursos de licenciatura ofertados nessa modalidade, o que representa 36% do total de cursos de licenciatura do país. (ABED, 2014).

Com esse número de cursos de licenciatura que foram criados na modalidade a distância, nossa preocupação reside em quem forma esses futuros professores que irão atuar na educação básica, ou seja, o professor formador. Dessa forma, essa pesquisa trabalhou com os cursos de licenciatura, mais especificamente com o professor formador que atua nesses cursos, e teve a seguinte questão norteadora: Como os professores formadores dos cursos de Licenciatura em Letras foram se constituindo como professores formadores na EaD? A pesquisa teve como objetivo identificar de que forma esses professores formadores se constituíram como docentes na EaD.

## Fundamentação Teórica

A EaD parece que está consolidada, estruturada, mas existem questões que segundo Mill (2012, p. 45), ainda não foram resolvidas, tais como: “[...] a condição profissional dos docentes da EaD e a clara definição dos elementos constitutivos do trabalho pedagógico virtual.” Para o autor suas pesquisas revelam que a “docência na EaD ainda não está profissionalizada” tem-se ainda um tratamento inferiorizado em relação à docência presencial.

Assim, a formação do professor para atuar nessa modalidade de ensino ainda se constitui num desafio, para a qual a atuação requer mediação pedagógica e tecnológica, modelos pedagógicos mais construtivistas e participativos, estilos e estratégias de aprendizagem e adequação aos novos meios, produção de materiais em conjunto com a equipe de produção buscando adequá-lo de acordo com os recursos tecnológicos, entre outros. Como nos mostra Moran, Masetto e Behrens (2000, p. 52), ensinar na EaD com a internet requer do professor muita atenção, pois exige requisitos tais como bom senso, gosto estético e intuição,

Bom senso para não se deter, diante de tantas possibilidades, em todas elas, sabendo selecionar, em rápidas comparações, as mais importantes. A intuição é um radar que vamos desenvolvendo à medida que “clicamos” o mouse nos links que nos levarão mais perto do que procuramos. A intuição nos leva a aprender por tentativa, acerto e erro. Às vezes passaremos bastante tempo sem achar algo importante e, de repente, se estivermos atentos, conseguiremos um artigo fundamental, uma página esclarecedora. O gosto estético ajudamos a reconhecer e a apreciar páginas elaboradas com cuidado, com bom gosto, com integração de imagem e texto. Principalmente para os alunos, o estético é uma qualidade fundamental de atração. Uma página bem apresentada, com recursos atraentes, é imediatamente selecionada, pesquisada.

Requisitos como saber adequar a linguagem para televisão- para as vídeoaula; saber utilizar algumas técnicas de fala bem como de respiração e dicção; ministrar aulas em estúdio; saber usar ambientes virtuais; escrever material didático impresso e on-line; entre outros, também são exigidos do professor. Nesse contexto, saber interagir com o estudante é fundamental, dando-lhe mais autonomia e ao mesmo tempo exigindo. Também é preciso que o professor tenha clareza de que não é dono do saber, ou seja, na EaD,

[...] o professor não é mais fonte exclusiva de saber. Ele se torna um facilitador do saber e não é mais a principal rede de informação. O ensino torna-se mais interativo e desloca-se, deixando uma parcela maior ao aprendiz do que ao professor. Esse modo de utilização interativa obriga o professor a conhecer as novas tecnologias, a familiarizar-se com elas, a variar as abordagens pedagógicas para facilitar os modos de aprendizagem. (MARCHAND, 2002, p. 137).

Muitas tecnologias surgem a todo tempo pois não são separadas “[...] da sociedade e da cultura, mas sim produto de uma sociedade e de uma cultura”. (LÉVY, 1999, p.25). Assim, é preciso que o professor formador se profissionalize que busque formação pedagógica que atenda às necessidades do momento o que requer do profissional investimento, seja de sua parte ou da instituição. Um programa de formação continuada nesse contexto, é fundamental.

Diante das reflexões propostas, como esse professor formador vai se constituindo professor na EaD? De que forma vai revendo seus conceitos e re/constituindo sua identidade profissional?

Um dos impactos enfrentados pelo professor ao iniciar sua atuação na EaD, segundo Almeida (2010), diz respeito à permanência e participação do aluno, o que pode ser amenizado se o espaço virtual for relacional de aceitação e participação de ambos – professor e estudante, o que torna o trabalho docente mais complexo e intenso, inclusive no que diz respeito à expansão do local em que esse trabalho acontece.

Abreu-Tardelli (2006) e Mill (2012) provocam uma discussão em relação ao espaço físico e ao horário de trabalho do professor, afirmando que antes as funções dos professores eram exercidas em espaço e tempo limitados e na EaD essas funções estão deixando de ter esses espaços definidos, rompendo com a distinção entre a jornada de trabalho docente e seu tempo livre, o que leva a alterações no seu contexto social e conseqüentemente na sua identidade. Nesse sentido, Belloni (2001) aponta que o professor que atua no curso presencial e vai atuar no EaD, precisa saber: a) que ele sai da condição de mestre para parceiro uma vez que atende o estudante quando este sente necessidade; b) a necessidade de atualização não só na área específica mas de uma atualização mais ampla; c) que sai do monólogo para um diálogo com diversos recursos; d) que não há um monólogo do saber mas uma construção coletiva do conhecimento por meio da pesquisa; e) que o trabalho é em equipes interdisciplinares e muitas vezes complexas e não um isolamento; f) que não há espaço para a autoridade, mas a parceira;

g) que ele saí da condição de formador para a de pesquisador. Então, percebe-se um novo papel para esse professor, mas como ele vai reelaborando tudo isso? Como vai se constituindo professor na EaD?

Ao longo de suas trajetórias pessoal e profissional os sujeitos passam por diferentes etapas de socialização que correspondem à sua introdução “[...] mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 175), na qual a ação de socializar é dicotômica, pois está na confluência entre a identificação do sujeito pelos outros e a sua auto-identificação. Segundo os autores, o meio é determinante para a constituição de sua identidade, pois a socialização realiza-se num contexto social específico.

Destacam-se em relação aos processos de constituição identitária a socialização primária e secundária, a primeira a interação acontece no núcleo familiar e a segunda é compreendida como processos sociais que colocam os sujeitos em interação com diversos setores do mundo objetivo da sociedade nos quais os saberes específicos ou profissionais passam a ser percebidos e vividos, ou seja,

O contato com a realidade objetiva faz o indivíduo repensar a maneira como se vê e como vê aquilo que o cerca. A identidade, uma vez cristalizada, pode ser mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas interações com o outro e com as estruturas sociais. A interação da subjetividade com a realidade objetiva reage também sobre a estrutura social dada, mantendo, modificando ou mesmo remodelando-a num processo contínuo de interação. (BERGER e LUCKMANN, 2003, p.228).

A socialização também é compreendida por Dubar (2005) como um processo de interações e de pertencimento a grupos, nos quais o sujeito é identificado pelo outro (processo relacional) e também é identificado por si próprio (processo biográfico), ou seja, na dualidade da identidade para si e para o outro. Para o autor a construção da identidade passa pela articulação entre o subjetivo e objetivo, entre identidade herdada e visada e depende da forma com as instituições e os seus agentes reconhecem os sujeitos.

Para o autor a profissionalidade dos sujeitos tem relação: a) com as competências aprendidas na formação inicial e continuada e com as articulações de suas diferentes origens; b) com as codificações estabelecidas nos sistemas de emprego a partir da construção e evolução deles; c) com o reconhecimento, nas relações profissionais, das competências do sujeito. (DUBAR, 2005). De acordo com o autor pode-se afirmar que cada professor tem sua própria trajetória de saber formalizado, construído nas relações pessoais e familiares e também a partir de seu contato com os mais diversos estabelecimentos especializados. No caso da presente investigação, os professores formadores do curso de Licenciatura em Letras apresentam em comum um saber específico em seu currículo de formação, ou seja, “[...] a **especialidade**, isto é, a competência especializada adquirida pela formação de base” (DUBAR, 2005, p.151, grifo nosso)

No âmbito da profissionalização, Nóvoa (1995) nos mostra que a dimensão pessoal está ligada à construção de uma identidade profissional para os professores, pois há inter-relação entre a vida pessoal e a vida profissional.

[...] a forma como cada um vive a profissão de professor é tão (ou mais) importante do que as técnicas que aplica ou os conhecimentos que transmite; os professores constroem a sua identidade por referência a saberes (práticos e teóricos), mas também por adesão a um conjunto de valores etc. (NÓVOA, 1995, p.33).

Pensando nas relações entre os docentes e os outros setores sociais, Contreras (2002) propõe pensar a constituição da identidade profissional por meio da compreensão das diferentes formas em que se relacionam e se influenciam os espaços e competências profissionais e sociais. Para o autor a autonomia profissional contribui para se pensar a identidade profissional à medida que se constitui num “[...] processo dinâmico de definição e constituição pessoal de quem somos como profissionais, e a consciência e realidade de que esta definição e constituição não pode ser realizada senão no seio da própria realidade profissional [...]” (CONTRERAS, 2002, p. 214).

Compreende-se então, que é no encontro com outras pessoas que a autonomia profissional vai sendo construída seja na formação pessoal ou na necessidade de definir ou contrapor, com outras pessoas e outros setores. Segundo Contreras (2002) é em diferentes espaços e relações que a autonomia vai sendo construída, ou seja, na relação entre essa diversidade.

Por outro lado, a falta de autonomia na profissão docente, segundo Contreras (2002), Boing & Ludke (2005), Boing (2008) tem colocado em discussão a profissão docente, o que nos leva a lançar um olhar mais cuidadoso para a autonomia dos professores do ensino superior, ou mais específico, para os professores, sujeitos desse estudo. Eles têm autonomia em relação às suas ações nas instituições?

## Metodologia

A pesquisa é do tipo qualitativa e envolve estudo bibliográfico e pesquisa de campo. Em relação à produção dos dados usou-se a entrevista semi-estruturada e para análise dessas entrevistas buscou-se mantê-las dentro do contexto do entrevistado, considerando “[...] tanto do conteúdo manifesto quanto do conteúdo latente do material, tentando não se restringir ao que está explícito no material, mas procurar ir mais fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente “silenciados”. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 48) e também fazendo a recomposição dos discursos, interpretando-as à luz do referencial teórico escolhido.

O campo de investigação é o curso de Licenciatura em Letras de uma instituição particular, ofertado na modalidade semipresencial. Foram realizadas três entrevistas com as professoras Luciana, Telma e Helen, para as quais utilizamos nomes fictícios buscando preservar a identidade dos sujeitos.

O curso de Licenciatura em Letras atualmente é ofertado em três anos, dividido em seis etapas com dez quinzenas. Ao longo do curso há cinco encontros por etapa, sendo um seminário de oito horas e os demais, oficinas de quatro horas, que acontecem nos finais de semana, sendo que em duas dessas oficinas acontecem as avaliações. O aluno tem acompanhamento por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

## Resultados e Discussões

Para compreender como os professores foram se constituindo formadores na EaD buscou-se pesquisar inicialmente sobre *a escolha da profissão* docente e os relatos das professoras nos mostram o quanto essa escolha é dinâmica, depende do contexto no qual o sujeito está inserido.

Em relação à professora Helen sua primeira opção foi pelo curso de Odontologia, mas logo percebeu que gostava de Letras: “Eu comecei com o magistério, quando eu fui prestar vestibular, eu prestei Odonto, comecei Odonto e transferi pra Letras porque eu vi que o que eu gostava mesmo era de dar aula, paixão, não foi falta de opção”. (Prof<sup>a</sup> Helen).

A professora Telma que tem formação inicial em História, e leciona espanhol, pois teve longa prática ao morar em outros países e quando iniciou não haviam professores com formação.

[...] minha licenciatura é História, [...] eu trabalhei alguns anos na área de História, depois eu mudei para São Paulo e eu nem trabalhei na área eu trabalhei numa empresa em recursos humanos [...] eu casei com um argentino, morei na Espanha um ano e depois na Argentina um ano e nessa história toda eu comecei a estudar espanhol [...] quando eu comecei aqui há uns 15 anos atrás não haviam professores nem com licenciatura, mas não havia formação porque às vezes tinha algum ... ele não tinha formação acadêmica e eu fiz o curso [...] (Prof<sup>a</sup> Telma).

Por outro lado, a professora Leila gostava muito de ler e escrever, de lidar com pessoas, da relação com o outro, razão pela qual escolheu Licenciatura em Letras.

Meus pais, minha mãe não é professora, meu pai também atua em outra área, foi por gosto pessoal mesmo. Desde pequena eu me interessei muito pelos estudos, pela leitura, pela escrita e pelo ato de ensinar mesmo, de lidar com aluno, as relações interpessoais, a mediação, de estar com o outro, de repente contribuir um pouco mais na formação de uma outra pessoa, isso me atraiu muito na educação. (Prof<sup>a</sup> Leila).

Cabe destacar que nem sempre a escolha da profissão é marcada por um modelo ou por uma segunda escolha, ela pode ser uma necessidade como no caso de Telma ou porque se interessa por algo característico daquela profissão, conforme nos mostrou Leila, ou ainda, por não se identificar com a primeira opção de escolha e buscar outro caminho como no caso de Helen.

Os relatos nos dão indícios de que o meio no qual as professoras estavam inseridas foi determinante para a escolha do curso e conseqüentemente contribuíram para a constituição da identidade delas, conforme nos mostram Berger e Luckmann (2003).

A *inserção das professoras na EaD* aconteceu de diversas formas: duas como preceptoras e a outra trabalhando como professora convidada. Entretanto, apenas uma professora afirma que teve preparação para essa atuação e que na época era bem diferente do que se pratica hoje.

Leila ingressou na EaD inicialmente, sem preparação, como preceptora de um curso para o qual não era o de sua formação. Daí resolveu fazer esse curso e depois foi convidada pela equipe dirigente a ser coordenadora do curso de Licenciatura em Letras.

[...] logo ingressei aqui na Instituição como preceptora [...] do curso a distância. Sendo preceptora vi a necessidade de fazer o curso de pedagogia, [...]sou licenciada em pedagogia também [...]. Cursando o curso de pedagogia, logo quando estava finalizando fui convidada a me tornar docente do curso, atuei como docente apenas por 3 meses no curso de pedagogia. Logo a reitoria me chamou pra assumir a gestão do curso de Letras. Assumindo a gestão do curso de Letras vi a necessidade de estudar um pouco mais e ingressei no mestrado. Então, atualmente estou cursando o mestrado aqui na Instituição também. (Prof<sup>a</sup> Leila).

Helen também foi atuar num curso para o qual não tinha formação, mas com um diferencial, ela fez curso de formação na educação à distância antes de começar a trabalhar na EaD. Na época era o Projeto Veredas: “Eu fiz um curso de formação na educação à distância antes de começar o Veredas, depois a gente participa de uma reunião aqui, outra reunião ali, mas nada muito

formal”. Depois do Veredas ela passou pela “[...] Pedagogia e hoje estou aqui como docente do curso de Letras, mas eu era tutora do Veredas, preceptora da Pedagogia, depois coordenadora do curso de Letras, coordenadora de referência e agora docente.” A professora passou por várias funções dentro do cenário da EaD na instituição e teve uma preparação para isso. Entretanto, afirma que a tutoria no Veredas era totalmente diferente do que fazem hoje: “Totalmente diferente do que nós temos hoje, era uma tutoria mais presente, os tutores estavam sempre em campo com os alunos, participando dos estágios, dos encontros presenciais, foi muito bom, foi uma experiência maravilhosa.”

A professora Telma foi inserida na EaD pela relação que tinha com o curso na modalidade presencial, ou seja, foi convidada na época para escrever material e viajar fazendo seminários e oficinas e, quando o curso presencial acabou, migrou direto para a EaD.

Nós éramos os professores do curso presencial que era nessa área de língua e literatura e quando me convidaram para fazer o material [...] eu fui convidada pra dar aula, fui várias vezes à Juiz de Fora, algumas cidades não todas Uberlândia e Araxá que é mais próximo e com isso foi uma transferência do presencial, quando terminou o presencial eu dei sequência, fui transferida. (Profª Telma).

Sabe-se que as demandas da educação presencial são diferentes da educação a distância, então ter experiência em cursos presenciais não é indicativo de que saberá trabalhar com a EaD, por outro lado, se quisesse continuar trabalhando a professora não tinha outra opção, como ela mesma afirma, “fui transferida”. Percebe-se que a maioria dessas professoras foram se constituindo como professoras formadoras no âmbito da EaD a partir das relações que foram estabelecendo nos diferentes espaços, principalmente no espaço institucional. (DUBAR, 2005).

Partimos do princípio de que a identidade também se constitui no âmbito do trabalho, na maneira como as relações são estabelecidas nesse contexto, na capacidade de realizar as atividades solicitadas dentro das condições estabelecidas. Condições que variam de acordo com diversos fatores; dentre eles, o tipo de instituição na qual esse professor formador trabalha. Dessa forma, buscou-se identificar as *especificidades do trabalho das professoras* formadoras a fim de compreender melhor o contexto desse trabalho e como ele contribui para a constituição delas.

Helen realiza as seguintes atividades: “[...] atividades de elaboração de capítulos, organização de livros, correção de material no ambiente virtual, elaboração de questões para o ambiente virtual, elaboração de avaliações presenciais [...]”. Além disso, ainda grava vídeo-aulas e elabora pautas padrão para 12 polos. Ao ser questionada sobre a quantidade de alunos que atende afirma que “Não tenho nem noção porque eu estou atualmente com 4 turmas”, mas as turmas são pequenas. A professora também afirma que “às vezes” se sente sobrecarregada e procura minimizar a situação “sabendo dividir os tempos, os serviços e as atividades”.

A professora Telma também desenvolve as mesmas atividades que a professora Helen só que com um diferencial: Telma afirma que a quantidade de estudantes que querem fazer Letras-Espanhol é bem pequena, faltam alunos. Seu contrato é de vinte horas sendo responsável por cinco componentes. Ela afirma que o material elaborado pelos professores é muito bom e também aponta que há reuniões no curso uma vez por mês com cobranças:

Nós temos reuniões com a gestora todo mês pra pontuar e as cobranças também que isso também precisa, porque às vezes a gente escapa em alguma coisa e não só, mas pra ter também novos enfoques com as mudanças que é sempre tão ágil, por exemplo, a vídeo aula foi uma coisa nova pra nós e eu já disse que eu sou muito nos bastidores, me botaram numa câmera fiquei em pânico à primeira vez. (Profª Telma).

Leila atua como gestora do curso, contratada como docente, 30h, atua na parte administrativa, dentre suas atividades está:

[...] acompanhar a programação no SGA, diariamente tomar ciência da programação. Estabelecer prioridades, correções de provas, acompanhar o trabalho dos professores, divulgação de resultados elaboração de pautas dos eventos, indicação de docentes, dar o parecer nos processos de retorno aos estudos, nos protocolos, dentre outras funções também. (Prof<sup>a</sup> Leila).

A gestora tem sob sua responsabilidade a orientação de quatorze professores, sendo sete no polo de Uberaba e sete em outros polos, num total de oito polos. Além das atividades que realiza Leila também participa de reuniões com coordenadores gerais, semanal; como os professores do curso, mensal; com os preceptores, mensal e reunião com a reitoria, semanal. Em média a duração de cada reunião é de três horas. Também afirma que não se sente sobrecarregada e para desenvolver suas atividades procura se organizar, pois “[...] há uma série de ações a serem desenvolvidas no mesmo dia.”

Para Leila a instituição oferece as condições físicas de trabalhos e atualmente estão reativando um laboratório de línguas que existia no curso presencial e também podem usar os laboratórios de informática.

A instituição oferece um excelente espaço físico, as salas de aula, os recursos pedagógicos são oferecidos com tranquilidade, os professores têm acesso ao Datashow, as aulas acontecem utilizando todos esses recursos pedagógicos que estão em ascensão para desenvolver uma boa aula, então o espaço físico é bem adequado. [...] nós estamos recentemente criando um curso de letras o laboratório de línguas [...] nós podemos também usar o próprio laboratório de informática [...]. (Prof<sup>a</sup> Leila).

Por outro lado, Leila afirma que a autonomia no curso é limitada, ou seja, “[...] uma atitude que eu vá desenvolver no curso eu preciso diretamente informar os meus superiores que seriam os coordenadores do curso a distância.” Também afirma que há uma hierarquia que precisa ser respeitada e que consegue lidar bem com isso:

Então, isso é muito claro pra mim, muito tranquilo, lido com muita tranquilidade [...] trabalhar com as pessoas e trocar uma ideia se é viável ou não, [...] o mesmo acontece com os professores, todo nosso trabalho é feito em equipe, mas há uma hierarquia sim. (Prof<sup>a</sup> Leila).

Em relação ao material impresso a gestora Leila afirma que há autonomia quanto a isso “[...] porque os próprios professores do curso que escreveram o material, professores já antigos da instituição, muito experientes, então esse material foi produzido por eles [...]”.

Há de se considerar ainda o excesso de funções que esses professores exercem e a quantidade de estudantes que têm que acompanhar por componente. Dessa forma, os depoimentos nos dão indícios de que esses docentes têm uma sobrecarga de trabalho, principalmente pelo formato dos cursos, que exige dos professores questões e atividades a cada quinze dias. Concordamos com Mill (2012) quando afirma esse tipo de trabalho propicia a exploração da mais valia no tempo do trabalho e fica subtendida a intensificação do trabalho dos professores. Entretanto, nenhum dos docentes afirmou que era obrigado a realizar essas várias atividades e vários afirmaram que não se sentem sobrecarregados.

Os excertos revelam as tensões existentes nas condições de trabalho dos professores formadores, a instabilidade apontada pode ser um obstáculo na profissionalização desses formadores bem como a falta de um plano de carreira, na valorização do profissional, o excesso de funções, como apontam autores Lang (2003), Fanfani (2006), entre outros. Nesse contexto de trabalho as relações profissionais vão sendo construídas e conseqüentemente a identidade desses professores em meio ao excesso de atividades e a uma falsa autonomia.

## Considerações Finais

Por meio da EaD as pessoas em diferentes lugares e que tem dificuldades para frequentarem um ensino presencial, podem ter acesso a educação, fazer um curso superior, se profissionalizar, não resta dúvida do quanto a EaD é importante para a sociedade.

Considerando que somos aquilo que nos identificamos a partir do olhar do outro ou até mesmo rejeitando esse olhar (DUBAR, 2005) as professoras formadoras do curso de Licenciatura em Letras foram se constituindo como formadoras na EaD de acordo com o contexto em que viviam e a partir das construções sociais que já tinham construído e das que foram construindo.

A opção pelo curso nos diz um pouco desse sujeito e no caso delas os dados nos permitem dizer que duas professoras não tiveram como primeira opção o curso de Licenciatura em Letras, uma delas foi se identificando com o que queria e pediu transferência do curso na área de saúde e a outra apesar de sua opção ser por licenciatura, mas não Letras, atua na área porque tinha fluência na língua espanhola. Uma das professoras afirma que gostava de ler e escrever, por isso foi fazer o curso. Há de se considerar ainda que a opção pelo curso é pessoal, faz parte da dimensão pessoal do sujeito e, portanto, ela perpassa pelo querer, que só o sujeito pode responder. (COSTA, 2009).

Em relação à inserção das professoras na EaD, duas não tiveram preparação para atuarem e simplesmente foram transferidas do presencial. Essa transferência causa impacto no trabalho dessas professoras, pois as relações de espaço e tempo na EaD são diferentes (MILL, 2012), requerem das professoras outras habilidades, diferentes do presencial.

Muitas são as funções exercidas pelas professoras, entretanto apenas uma delas afirma se sentir sobrecarregada, será que há uma naturalização dessa condição? Então, cabe atenção a essa situação, pois se novas demandas são exigidas do profissional é preciso que a instituição também contribua para a profissionalização dos professores.

## REFERÊNCIAS

ABED. **Censo EaD.br**: relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2013. Traduzido por Maria Thereza Moss de Abreu. Curitiba: Ibpex, 2014.

ABREU-TARDELLI, L. S. **trabalhodoprofessor@chateducacional.com.br**: aportes para compreender o trabalho do professor iniciante em EaD. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2006. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def\\_teses.html](http://www.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/def_teses.html)>. Acesso em: 15 mar. 2009.

ALMEIDA, M E. B. Currículo, avaliação e acompanhamento na educação a distância. MILL, D; PIMENTEL, N. **Escritos sobre educação a distância**: desafios contemporâneos sob múltiplos enfoques. Brasília: Capes, 2010.

BELLONI, M.L. **Educação à distância**. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOING, L. A.; LÜDKE, M. Caminhos da profissão e da profissionalidade docente BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Sinopse da Educação Superior**. Brasília-DF: MEC/INEP, 2005.

BOING, L.A. **Os sentidos do trabalho de professores itinerantes**. Rio de Janeiro: PUC-RJ. Tese de Doutorado, 2008.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, V.G. **Professores Formadores dos Cursos de Licenciatura em Matemática do Estado de Minas Gerais**. São Paulo: PUC-SP. Tese de Doutorado, 2009.

DUBAR, C.. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Trad. Annette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto Ribeiro Lamas. Portugal: Porto Editora, 1997.

FANFANI, E. T. Profesionalización docente: consideraciones sociológicas. \_\_\_\_\_. **El oficio docente**: vocación, trabajo y profesión en siglo XXI. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

LANG, V. Formadores no IUFM: um mundo heterogêneo. ALTET, M; PAQUAY, L.; PERRENOUD, F. **A profissionalização dos formadores de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.  
MARCHAND, L. Características e problemáticas específicas: a formação universitária pela videoconferência. ALAVA, S. e colaboradores. **Ciberespaço e formações abertas**: rumo a novas práticas educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MILL, D. **Docência virtual**: uma visão crítica. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.T. BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 8 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

Recebido em: 05 de agosto de 2016.  
Aceito em: 02 de janeiro de 2017.